

Virginia Woolf

MRS DALLOWAY

*tradução de*  
Mário Quintana

LIVROS DO BRASIL

Mrs Dalloway disse que ela própria iria comprar as flores.

Quanto ao serviço de Lucy, já estava determinado. As portas seriam retiradas dos gonzos; daí a pouco, chegariam os homens de Rumpelmayer. E então, pensou Clarissa Dalloway, que manhã — fresca como para crianças numa praia.

Que frémito! Que mergulho! Sempre assim lhe parecera quando, com um leve ranger dos gonzos, que ainda agora ouvia, abria de súbito as vidraças e mergulhava no ar livre, lá, em Bourton. Que fresco, que calmo, mais do que o de hoje, era então o ar da manhã; como o choque de uma onda; como o beijo de uma onda; frio, fino, e ainda (para a menina de dezoito anos que ela era) solene, sentindo como sentia, parada ali, ante a janela aberta, que alguma coisa de terrível ia acontecer; olhando para as flores, para os troncos de onde se desprendia a névoa, para as gralhas que se alçavam e abatiam; parada e a olhar até que Peter Walsh lhe dizia: «Meditando entre os legumes?» — seria isso? — ou «Prefiro as pessoas às couves-flores» — seria isso? Com certeza o dissera certa manhã em que ela saíra para o terraço — esse Peter Walsh. Regressaria da Índia um dia próximo, em junho ou julho, não se lembrava bem, pois as suas cartas eram incrivelmente aborrecidas; os seus ditos é que ficavam na memória; os seus olhos, o canivete, o sorriso, a rabugice e, quando milhões de coisas se haviam desvanecido de todo — que estranho era! —, umas tantas frases, como aquela acerca das couves.

Deteve-se um instante na beira do passeio, à espera que passasse o camião de Durtnall. Uma encantadora mulher, pensou Scrope Purvis (conhecia-a como se conhece a gente que mora quase à nossa porta, em Westminster); havia nela algo de pássaro, de um gaio, azul-verde, leve,

vivaz, embora passasse dos cinquenta e tivesse encanecido muito desde a última doença. Ali estava pousada, muito direita, sem o ver, à espera de poder atravessar.

A viver em Westminster — há quantos anos? mais de vinte — sente-se, até no meio do tráfego, ou quando se desperta à noite (Clarissa bem o sabia), um silêncio particular, certa solenidade; uma indescritível pausa; aquela suspensão (ou seria do seu coração, que diziam afetado pela influenza?) antes que batesse o Big Ben. Agora! Já vibrava. Primeiro, um aviso, musical; depois a hora, irrevogável. Os pesados círculos dissolviam-se no ar. Que loucos somos, pensava ela, ao atravessar Victoria Street. Só Deus sabe quanto se ama isto, como se considera isto, compondo-o sempre, construindo-o sempre em torno de nós, derrubando-o, criando-o de novo a cada instante; até as últimas mendigas, as mais baixas misérias dos portais (bebem a sua ruína), faziam o mesmo; impossível, sabia-o, impossível salvá-las com leis parlamentares, por esta simples razão: amavam a vida. Nos olhos dos transeuntes, na sua pressa, no seu andar, na sua demora; no burburinho e vozearia; carros, automóveis, autocarros, camiões, homens-sanduíche bamboleantes e tardos; charangas; realejos; na glória e no rumor e no estranho aerocanto de algum avião sobre a sua cabeça — em tudo isto estava aquilo que ela amava; a vida; Londres; aquele momento de junho.

Pois junho ia a meio. A guerra estava acabada, exceto para alguns, como Mrs Foxcroft, que, ainda a última noite, na embaixada, devorava a sua mágoa, porque morrera aquele belo rapaz e o velho castelo ia agora passar para um primo; ou Lady Bexborough, que inaugurara uma quermesse, diziam, tendo na mão o telegrama a informar que John, o seu predileto, fora morto; mas estava acabada, sim; graças a Deus — acabada. Era junho. O rei e a rainha estavam no palácio. E, por toda a parte, embora tão cedo, era um estrépito, uma agitação de cavalos a galope, um bater de paus de críquete; Lords, Ascot, Ranelagh e os demais; tudo envolto na macia écharpe do ar azul e cinza da manhã, que a ia retirando, à medida que o dia se desgastava, e devolvendo ao relvado os saltitantes cavaleiros, cujas patas mal tocavam o chão, e mais os irrequietos jovens e

as ridentes raparigas, nas suas musselinas transparentes, que, mesmo depois de terem dançado toda a noite, levavam agora a passeio os seus incríveis cãezinhos felpudos; e, àquela hora, discretas velhas damas saíam, nos seus automóveis, para não se sabia que misteriosas andanças; e os lojistas atarefavam-se nas vitrinas com as suas imitações de diamantes, os seus lindos alfinetes verde-mar do século XVIII, de tentar americanos (mas era preciso economizar, não fazer compras irrefletidas para Elizabeth); e ela própria, também, amando como amava aquilo tudo com uma absurda e religiosa paixão, parte que era daquele mundo, pois os seus iam ao palácio desde a época dos Jorges, ela própria ia, naquela noite, receber e iluminar; ia dar a sua festa. Mas que estranho, ao entrar no parque, o silêncio; a obscuridade; o sussurro; o lento nadar dos patos satisfeitos; as papudas aves meneando-se; e quem vinha, lá dos edifícios do Governo, trazendo uma pasta com as armas reais, senão Hugh Whitbread; o seu velho amigo Hugh — o admirável Hugh!

— Olá, Clarissa! — disse Hugh, extravagantemente, pois conheciam-se desde crianças. — Aonde vais?

— Gosto de passear por Londres. Sempre é melhor do que passear pelo campo.

Os Whitbreads acabavam de chegar — infelizmente — para ver médicos. Outros vinham para ver exposições; ir à ópera; passear as filhas; os Whitbreads vinham «ver médicos». Vezes sem conta Clarissa visitara Evelyn Whitbread em hospitais. Evelyn estava de novo doente? Andava às voltas com as suas coisas, disse Hugh, dando a entender, com um enfadado alçar de todo o corpo, um corpo aliás confortavelmente abrigado, bem-parecido em extremo, bem-fornido (andava sempre um pouco elegante de mais, mas com certeza tinha de ser assim, devido às suas ocupações na Corte), que a sua mulher tinha algumas preocupações íntimas, nada sério, mas que Clarissa Dalloway, como velha amiga, compreendia sem mais explicações. Sim, naturalmente, compreendia... Não que se preocupasse, também. Sentia-o, sim, como uma irmã, mas, ao mesmo tempo, estranhamente, pensava no seu chapéu. Não era talvez o mais adequado para aquela hora? Hugh sempre a fazia sentir-se

assim, ao cumprimentá-la extravagantemente e declarando-a uma verdadeira menina de dezoito anos; sim, iria à sua festa daquela noite, por sinal Evelyn tinha grande empenho, somente chegaria um pouco mais tarde, depois da receção no palácio, aonde levaria um dos filhos de Jim. Ela sentia-se sempre um pouco em falta diante de Hugh; como uma colegial; mas queria-lhe bem, em parte por havê-lo sempre conhecido e também pelas suas qualidades próprias, embora tivesse o dom de exasperar Richard, ao passo que Peter, esse, até hoje não lhe perdoara gostar dele.

Podia relembrar cenas e cenas em Bourton — Peter furioso; naturalmente, Hugh não se lhe comparava, de modo algum, mas daí a ser um perfeito imbecil, como Peter dizia... não; nem tão-pouco um simples manequim. Quando a sua velha mãe lhe pedia que desistisse de alguma caçada, ou que a levasse a Bath, ele fazia-o, sem dizer palavra; nada tinha de egoísta, na verdade, e quanto a dizer, como Peter, que Hugh não tinha coração nem miolos, mas somente as maneiras e a educação do típico *gentleman* inglês, eram coisas daquele querido Peter nos seus piores momentos. E, afinal, Hugh podia ser intolerável, impossível; mas sempre um adorável companheiro para passearem juntos numa manhã daquelas.

(Junho fizera brotar todas as folhas das árvores. As mães de Pimlico amamentavam os filhos. Transmitiam-se mensagens da Frota para o Almirantado. Arlington Street e Piccadilly pareciam amornar o próprio ar do parque e erguer-lhe as folhas ardentemente, luminosamente, nas ondas dessa divina vitalidade que Clarissa amava. Dançar, cavalgar, adorara tudo isso.)

Afinal, podiam estar separados durante séculos, ela e Peter; nunca escrevia uma carta e as dele eram muito secas; mas de súbito ocorria-lhe: «Que diria Peter, se estivesse aqui comigo, agora?» — alguns dias, certas cenas traziam-lho de volta, suavemente, sem a antiga amargura; é talvez a recompensa de ter amado as pessoas; voltam, no meio do St. James's Park, por uma bela manhã — voltam de facto. Mas Peter — por mais belo que fosse o dia, e as árvores e a relva, e aquela menina de cor-de-rosa —, Peter nada veria disso tudo. Poria os óculos, se ela lho dissesse;

e olharia. O que lhe interessava era a situação do mundo; Wagner, a poesia de Pope, os caracteres das pessoas, sempre, sempre, e os defeitos dela própria. Como a arreliava! Como discutiam! Ela casaria com um primeiro-ministro e mostrar-se-ia no alto de uma escada; chamavam-lhe a perfeita dona de casa (ela até chorara no seu quarto), era o tipo acabado da perfeita dona de casa, dissera ele.

E ei-la que ainda se encontrava a argumentar no St. James's Park, ainda a provar que faria bem — como o fizera — em não casar com ele. Pois no casamento é preciso um pouco de liberdade, um pouco de independência entre pessoas que moram juntas, dia após dia, na mesma casa; o que Richard lhe concedia, e ela a ele. (Onde estaria Richard, naquela manhã, por exemplo? Nalguma comissão, ela nunca lhe perguntava qual.) Mas, com Peter, tudo tinha de ser compartilhado; tudo tinha de ser esclarecido. Era intolerável, e, quando surgiu aquela cena no jardim, junto à fonte, tivera de romper com ele, ou seria um desastre para ambos; seriam ambos arruinados, estava certa; embora lhe ficasse, durante anos, como uma flecha cravada no coração, a dor, a angústia; depois, o horror de quando alguém lhe dissera, num concerto, que Peter casara com uma mulher a quem conhecera na viagem para a Índia! Nunca esqueceria aquelas coisas! Fria, sem coração, uma puritana, chamara-lhe Peter. E que nunca compreenderia como ele sabia amar. Mas aquelas indianas decerto compreendiam — umas tolas, umas frívolas, umas ventoinhas. E ela estava a desperdiçar a sua piedade. Pois ele estava perfeitamente feliz, assegurara-lhe — perfeitamente feliz, embora nunca tivesse feito nada digno de nota; toda a sua vida fora um malogro. E tudo isso ainda mais a irritava.

Chegara aos portões do parque. Deteve-se um momento, a olhar os autocarros de Piccadilly.

Não, agora, nunca mais diria, de ninguém, neste mundo, que eram isto ou aquilo. Sentia-se muito jovem; e, ao mesmo tempo, indizivelmente velha. Passava como uma navalha através de tudo; e, ao mesmo tempo, ficava de fora, a olhar. Tinha a perpétua sensação, enquanto olhava os carros, de estar fora, longe e sozinha, no meio do mar; sempre

sentira que era muito, muito perigoso viver, por um só dia que fosse. Não que se julgasse inteligente, ou muito fora do comum. Nem podia saber como atravessara a vida com os poucos conhecimentos que lhe dera Fräulein Daniels. Não sabia nada; nem línguas, nem história; raramente lia um livro agora, exceto memórias, na cama; mas como a absorvia tudo aquilo; os carros passavam; e não diria de Peter, não diria de si: sou isto, sou aquilo.

O seu único dom era conhecer as pessoas quase por instinto, pensava, seguindo o seu caminho. Se a deixavam numa sala com alguém, eriçava-se como um gato; ou ronronava. Devonshire House, Bath House, a casa da cacatua de porcelana, vira-as uma vez iluminadas; e recordava Sylvia, Fred, Sally Seton — quanta gente; e o baile a noite inteira; e as carroças a caminho do mercado; e o regresso de automóvel pelo parque. Recordava que uma vez lançara um xelim no Serpentina. Mas recordar, todos recordavam; o que ela amava era isto, aqui, agora, na sua frente; a senhora gorda no carro. Importava então, indagava consigo, encaminhando-se para Bond Street, importava de facto que tivesse de desaparecer um dia, inevitavelmente? Tudo aquilo continuava sem ela. Sentia-o? Ou seria um consolo pensar que a morte acabava com tudo, absolutamente com tudo? Ou, de qualquer maneira, pelas ruas de Londres, no fluxo e refluxo das coisas, talvez sobrevivesse, Peter sobrevivesse, vivessem um no outro, ela fazendo parte, estava certa, das árvores de casa; daquela casa ali, tão feia, toda a cair em pedaços como estava; parte de gente que nunca encontrara; espalhada, como uma névoa, entre as pessoas que melhor conhecia e que a sustentariam nos seus ramos, como vira as árvores sustentar a névoa, embora isso espargisse tanto a sua vida, e a si própria. Mas que estava ali a sonhar, enquanto olhava a vitrina de Hatchard? Que tentaria recordar? Que imagem de límpida aurora no campo, enquanto lia no livro aberto:

*Não mais temas os sóis abrasadores  
Nem invernos em fúria...*